

Artigo 3

Tema

DEFICIÊNCIA VISUAL

Questões Acerca da Teoria da Compensação no Campo da Deficiência Visual¹

Problematizations on the Sensory Compensation Theory of Visual Impairment

Paula Rego-Monteiro

Luciana Pereira Manhães

Virgínia Kastrup

RESUMO

É comum acreditar-se que a privação de um dos sentidos dá lugar a uma compensação da deficiência. De acordo com tal perspectiva, a perda da visão daria lugar a um aumento da capacidade de audição e do tato. O objetivo deste artigo é analisar em que consiste a noção de compensação e discutir seu alcance e seus limites, à luz das ciências cognitivas contemporâneas. Apresenta uma versão mística, uma versão biologicamente ingênua e a versão sócio-histórica da compensação, desenvolvida por L. Vygotski. A partir de contribuições teóricas e casos clínicos apresentados respectivamente por F. Varela e O. Sacks conclui que a noção de compensação é limitada para entender os efeitos sobre o sistema cognitivo da perda de um dos sentidos.

ABSTRACT

It is usually believed that the deprivation of one of the senses gives rise to a sensory compensation for the impairment. According to this point of view, the loss of vision would give rise to an improvement of other sensory modalities such as hearing and touch. The aim of this article is to analyze what the notion of sensory compensation consists in, as well as to discuss its range and limits, taking into account the contemporary cognitive sciences. We present a mystical version of this notion, a biologically naive version and the socio-historical version developed by L. Vygotski. Drawing upon the theoretical contributions and the clinical case reports presented respectively by F. Varela and O. Sacks, we conclude that the notion of sensory compensation is too limited to account for the effects of the loss of one of the senses on the cognitive system.

Há muitos anos acredita-se que a privação de um dos sentidos coincide com uma compensação desta deficiência. Em cegos, por exemplo, a perda da visão provocaria um aumento da capacidade dos demais sentidos, como a audição e o tato. A idéia de compensação é ainda hoje parte integrante da representação social da cegueira. É freqüente que as pessoas atribuam ao indivíduo cego uma percepção privilegiada nos demais sentidos em função da carência da visão. O objetivo deste trabalho é analisar em que consiste a noção de compensação, bem como examinar algumas das diferentes versões que a teoria da compensação assumiu ao longo da história. É ainda discutir seu desenvolvimento, alcance e limites no campo da psicologia, à luz das ciências cognitivas contemporâneas.

Para a análise do desenvolvimento teórico da noção de compensação tomaremos como referência o livro Fundamentos de Defectologia² de Lev Vygotski (1997). Neste livro, o autor apresenta três

posições para a explicação da compensação da cegueira: a mística, a biologicamente ingênua e aquela atribuída à psicologia científica, que ele próprio virá a desenvolver.

A posição mística atribui ao cego um tipo de sensibilidade especial, de origem divina, na qual a presença de uma espécie de terceiro olho lhe possibilitaria ver o que os videntes não conseguem ver. Ao invés de considerar o cego como alguém indefeso ou inválido, percebe-se nele a presença de forças místicas que lhe conferem um conhecimento espiritual especial e que, assim, compensaria a perda ou a ausência da visão.

A posição biologicamente ingênua, por sua vez, considera que "a perda de uma das funções da percepção, a carência de um órgão é compensada com o funcionamento e o desenvolvimento acentuado dos outros órgãos"³. Este caso é análogo, por exemplo, a um rim que acumula as funções do outro, caso um deles se encontre debilitado ou inválido. A ingenuidade desta posição se deve à carência de um mecanismo explicativo consistente capaz de dar conta do rearranjo fisiológico dos órgãos dos sentidos.

A posição que Vygotski atribui à psicologia científica, no início do século XX, é de que a ausência ou perda da visão seria compensada a partir de uma complexa reestruturação da atividade psíquica, resultante de fatores biológicos e, sobretudo, históricos e sociais.

Vygotski aponta que, na década de 20, o psicólogo alemão William Stern (1923) introduziu nos estudos sobre deficiência um parâmetro qualitativo de análise. Até então, pensava-se no deficiente físico em termos quantitativos, como aquele que tinha uma falta, um defeito que retardaria o processo de crescimento e desenvolvimento "normal". Stern criou o conceito de "cadeia de metamorfoses" para dar conta de um desenvolvimento não-linear, tampouco contínuo, mas marcado por rupturas. Vale lembrar que isto não se aplica apenas à criança deficiente, mas vale para todo e qualquer ser humano em desenvolvimento. Nesse sentido, seria equivocados pensar numa continuidade e num acréscimo meramente quantitativo, ao comparar o comportamento de uma criança que engatinha ao de outra que já caminha de forma ereta.

Considera-se ainda que uma relevante contribuição de Stern foi entender a compensação da deficiência levando em conta sua complexidade inerente ao fato de que há um duplo papel do defeito, ou seja, uma indissociabilidade entre a deficiência e sua superação. Para o autor, a força emergiria da debilidade, assim como novas aptidões surgiriam da deficiência. Isto significa que com a perda de um dos sentidos, naturalmente seriam criados mecanismos outros a fim de compensar esta insuficiência. Embora as colocações de Stern sejam importantes em termos de mecanismos explicativos, não se avança muito em relação à visão biologicamente ingênua.

Na mesma época, o fundador da Psicologia Individual, Alfred Adler (1927), adicionou à teoria da compensação um fator psicológico que ele apontou como sendo o sentimento de inferioridade. Sem pretender entrar nas críticas que foram formuladas a este conceito⁴, podemos pensar que, segundo Adler, este sentimento se interpunha entre o defeito físico e sua compensação, articulando-os de forma dialética. Ao contrário do que se poderia supor, este sentimento não paralisa o sujeito deficiente frente às dificuldades que ele pode encontrar, mas o impulsiona a atravessar tais limites. Logo, o sentimento de inferioridade e as aspirações psíquicas deste sujeito atuam dialeticamente, como forças motrizes capazes de levá-lo a vencer sua deficiência.

Theodor Lipps (1907) também teve importante contribuição na formulação da teoria da compensação com sua lei do dique psíquico. Segundo esta lei, "se um fato psíquico se interrompe ou se inibe em seu curso natural, ou se neste último aparece um elemento estranho ali onde se produz a interrupção, o retardo ou a perturbação do curso do fato psíquico, ocorre uma inundação"⁵. Tal como um rio que se desvia ao encontrar uma barragem, quando os fatos psíquicos deparam-se com um obstáculo, aumentam sua energia psíquica e, deste modo, eles criam mecanismos que lhes possibilitem chegar indiretamente ao seu fim, através de caminhos de rodeio (desvios).

Após a exposição das diferentes versões da teoria da compensação, Vygotski afirma que "a cegueira é um estado normal e não patológico para o cego, ele só a percebe indiretamente, secundariamente, como resultado de sua experiência social"⁶. Podemos atribuir a Vygotski a inserção do fator social na teoria da compensação. Segundo ele, o meio social não só influencia o modo como o sujeito vai perceber seu defeito orgânico frente a um mundo eminentemente visual, como também modula sua relação psicológica com este defeito, ou seja, o modo como ele se relaciona com a dita deficiência e de que forma ele se percebe enquanto deficiente. Diferentemente de Adler, que atribuía à compensação um caráter meramente individual e psíquico, Vygotski considera que a deficiência não é uma experiência negativa em si mesma. É apenas através do meio social que as dificuldades advindas do defeito físico são experimentadas pelo sujeito.

Para Vygotski "a fonte da compensação da cegueira não é o desenvolvimento do tato ou a maior sensibilidade do ouvido, mas antes a linguagem, ou seja, a utilização da experiência social, a comunicação com os videntes"⁷. Servindo como uma mediação entre a deficiência visual e o "mundo dos videntes", a linguagem é potencialmente um importante fator de compensação, que pode minimizar os efeitos negativos das dificuldades do cego. Isto significa que a relação entre os diferentes sentidos não se faz de modo direto, mas através da intermediação da linguagem. Segundo Vygotski, a importância do desenvolvimento da leitura e escrita em braille justifica-se por promover um acesso mais pleno aos processos e produtos da cultura. A aprendizagem do braille constitui, segundo ele, uma via colateral do desenvolvimento⁸. Esta permitiria ao deficiente visual atingir, através de um outro caminho, o mesmo desenvolvimento dos demais seres humanos. O braille seria, nesse sentido, um instrumento de adaptação ao ambiente social.

No que concerne ao sistema educacional dos deficientes, Vygotski distingue o modelo orientado para a enfermidade e o modelo orientado para a saúde. Seguindo o primeiro modelo, encontramos instituições que funcionam como verdadeiras fortalezas que, ao invés de inserir o deficiente no meio social, isolam-no ainda mais. Cita como exemplo disto algumas instituições européias de sua época, de nível universitário, voltadas exclusivamente para deficientes visuais. A crítica feita a este tipo de política educacional é que nestas "escolas especiais se cria um micromundo isolado e fechado, onde tudo está adaptado e acomodado ao defeito da criança, tudo está centrado na insuficiência física e não a introduz na autêntica vida"⁹.

Por outro lado, há o modelo orientado para a saúde, que potencializa as possibilidades do deficiente físico, inserindo-o num ambiente menos artificial, não restringindo seu entorno a outros portadores de deficiência, oferecendo-lhe, assim, a convivência com videntes e favorecendo a troca mútua de experiências. No início do século, Vygotski identifica este processo nas indústrias russas que não furtam os deficientes visuais do conhecimento de todo o funcionamento do processo produtivo, permitindo-lhes atuar em diversos setores, não os limitando ao trabalho mecânico de produção em série. Segundo Vygotski, esta orientação valeria para todo o processo de formação da criança cega, pois "o mundo tem sido construído pelos homens fundamentalmente como um fenômeno visual e devemos preparar a criança cega para viver neste mundo comum". E continua: "Antes de uma criança ser deficiente, ela é, em primeiro lugar, uma criança"¹⁰. O interessante da teoria de Vygotski é colocar o problema da produção social da deficiência, questionando sua natureza meramente orgânica. Todavia, ela não chega a questionar explicitamente o pressuposto de um mundo pré-existente, em relação ao qual todos teriam que se adaptar.

Autores como Humberto Maturana e Francisco Varela questionaram esse pressuposto e apontaram que o sujeito e o mundo não são pré-existentes, mas se constituem simultaneamente pela ação de conhecer (MATURANA E VARELA, 1995). Tomando como exemplo o problema da visão de cores, sublinham que diferentes organismos têm mundos distintos. Para alguns o mundo é preto e branco, para outros é bicromático, para outros, tricromático, tetracromático ou policromático. A pergunta que lançam é: Qual é, então, a cor do mundo? Esta pergunta é incômoda para os teóricos cognitivistas, que adotam um realismo ingênuo e crêem num só mundo que seria pré-existente e por isto fundamento da cognição.

Conforme Kastrup (1999), os processos de invenção de si e do mundo são recíprocos e indissociáveis. Sob tal perspectiva, se o conceito de adaptação pode ser mantido, este deve ganhar nuances de um processo de invenção. Adaptar-se ao mundo não é apenas adequar-se a uma realidade dada, mas participar do processo de invenção do próprio mundo, na mesma medida em que é se transformar. Tais colocações têm como consequência levantar a questão da conveniência da utilização do conceito de compensação como uma ferramenta teórica para o estudo da subjetividade no campo da deficiência visual. Segundo I. Hatwell (2003), a teoria da compensação sensorial não encontra apoio nos experimentos científicos atuais. Por mais popular que ela seja, tais estudos indicam que as modificações que têm lugar na cognição dos deficientes visuais não correspondem a uma diminuição absoluta dos limiares sensoriais do tato ou da audição. O que se aperfeiçoa é, antes, a capacidade de atenção aos estímulos táteis e auditivos. Pode-se dizer, então, que o que se modifica é a orientação da atenção e não a própria capacidade sensorial em si. Vale ressaltar que este tipo de atenção, via de regra, não é utilizado com tanta frequência pelos videntes. Caso estes percam parcial ou completamente o sentido da visão, eles podem se submeter a exercícios de estimulação sensorial, tátil e/ou auditiva, que lhes permitam um novo uso de sua atenção mediante aprendizagem.

Um outro problema não abordado pela teoria da compensação é o da relação entre a reorganização do sistema cognitivo e o contexto mais geral da vida dos deficientes visuais. Para avançar nesta discussão é interessante recorrer aos textos do neurologista Oliver Sacks, onde ele apresenta dois casos em que os protagonistas são deficientes visuais. No primeiro, um homem perde a visão de cores e, no segundo, um homem cego recupera a visão através de uma cirurgia.

No primeiro caso, Sacks narra a história de um pintor que sofre um acidente de automóvel aos 65 anos de idade e é acometido de daltonismo total por lesão cerebral. Por conta disto ele perde a visão de cores (acromatopsia cerebral). Furtado de parte de sua percepção visual, ele passa a pintar telas coloridas e abstratas, baseado apenas em sua memória de cores. Segundo Sacks "ele conhecia as cores de tudo com uma exatidão extraordinária (podia dar não apenas os nomes, mas os números das cores listadas na paleta de variações de Pantone, que havia usado durante anos)"¹¹. Seu primeiro impulso foi continuar pintando colorido, pois "insistia que sabia que cores usar, embora não pudesse mais vê-las"¹². No entanto, depois de finalizadas, estas telas eram estranhas e sem sentido, confusas para quem pudesse vê-las coloridamente. A vida deste homem tornara-se muito difícil, pois o mundo possuía um aspecto nebuloso, cinzento e desbotado que o deixava nauseado, confuso e indisposto. Um exemplo disto é que ele evitava ter relações sexuais, por ver na pele das pessoas uma "cor-de-rato". Além disso, passou a só se alimentar com os olhos fechados para minimizar os efeitos desagradáveis dos alimentos, cujas cores lhes eram repulsivas.

Após certo tempo, o homem resolve mudar seu modo de vida e passa a sair mais à noite, quando o contraste das cores é menor e estas lhe parecem menos repugnantes. Desde então passa a pintar a partir de sua nova e singular percepção visual. Podemos dizer que ele reinventa a si próprio e sua vida na medida em que abandona seus velhos hábitos e passa a habitar o mundo que emerge desta nova relação, não mais pautado apenas na memória visual, mas na sua atual percepção. Neste processo, ele abandona um apego excessivo ao seu mundo anterior e acaba por construir uma nova forma de viver.

O segundo caso¹³ é a história de Virgil, um homem com cerca de cinquenta anos de idade, que ficou praticamente cego na infância. A causa de sua cegueira nunca foi bem esclarecida por médicos, pois os diagnósticos se dividiam entre uma possível degeneração genética ou algum tipo de seqüela deixada por uma doença que ele tivera quando criança. Virgil convivia bem com sua deficiência, sendo considerado uma pessoa autônoma e independente. Ele morava próximo ao seu emprego e se destacava como exímio massagista. Num dado momento reencontrou uma mulher, por quem se apaixonou e com quem se casou.

Após seu casamento começa a história propriamente dita, pois há uma significativa alteração em sua vida a partir do momento em que sua mulher o convence a fazer uma cirurgia de recuperação da

retina. Após essa cirurgia, ele volta a enxergar. Com a retirada dos curativos, Virgil sentia-se um pouco atordoado, afirmando não fazer a menor idéia do que estava vendo. Percebia borrões, uma espécie de mistura de luz, movimento e cor. Alguns meses haviam-se passado e Virgil parecia não ter-se acostumado com sua nova condição, mantendo os hábitos e comportamentos de uma pessoa cega. Um exemplo disto é que ele nunca acendia a luz ao entrar em lugares escuros, optando também por reconhecer as coisas ao seu redor através da exploração tátil. Ele ainda não conseguia distinguir muito bem luz e sombra; muitas vezes olhava para a penumbra e achava que se tratava de um buraco. Sentia-se incapaz de reconhecer visualmente as formas geométricas, pois, para ele, um círculo tocado não correspondia em nada a um círculo visto. Virgil só conseguia entender aquilo que via, recorrendo às informações sonoras, táteis e olfativas do objeto.

Até mesmo seu trabalho como massagista sofreu as conseqüências de sua nova condição visual. Virgil sentia-se espantado ao ver os corpos e as manchas de pele das pessoas, que antes só conhecia através do tato. Frente a tal situação, ele fechava os olhos e, deste modo, sentia um alívio imediato e somente assim conseguia fazer massagem. Virgil passou a sentir-se inútil e impotente diante das dificuldades cotidianas que começou a enfrentar. Acabou perdendo o emprego, sua independência e auto-suficiência, sentindo-se, agora sim, uma pessoa deficiente em termos sociais. Em pouco tempo sua saúde foi piorando e ele acabou não resistindo, vindo a falecer.

Muito embora sua cirurgia tenha sido bem sucedida em termos médicos, não ocorrendo problema algum de ordem fisiológica, em termos psicológicos e existenciais, a manutenção de seus hábitos fez com que ele não abandonasse seu antigo "mundo de cego". Esta postura acabou por impossibilitá-lo de construir uma nova forma de vida compatível com a sua nova condição.

É certo que isto não se dá de modo espontâneo, tendo em vista a ocorrência de dificuldades que demandam esforço e aprendizagem. Esta transformação não vem de forma direta e imediata. Trata-se, antes, de um processo de reinvenção. Varela, Thompson e Rosch (2003) comentam o caso descrito por Sacks, apontando que um comportamento só é passível de mudança quando se aprende a lidar com novas condições e situações de vida. A ação muda quando se dá um outro sentido ao mundo que se experimenta. Na maioria das vezes, tais alterações são difíceis e dramáticas, no entanto, esta mudança de percepção não prescinde da aceitação e compreensão por parte daquele que a sofreu.

Para concluir nossa breve discussão acerca do tema da compensação, podemos verificar que este conceito adquiriu importância e complexidade com a abordagem que lhe deu Vygotski, que ressalta os aspectos sociais e históricos da produção da deficiência e de sua compensação. No entanto, para o estudo da deficiência revela-se de especial interesse uma abordagem que leve em conta a dimensão inventiva da cognição. As contribuições de Maturana, Varela e Sacks indicam uma nova direção para o estudo da cognição. A noção de cognição inventiva¹⁴ serve tanto para o entendimento da pessoa portadora de deficiência visual quanto para os videntes. Todos estamos envolvidos com processos de invenção de diferentes mundos. O desafio é a reinvenção de mundos anteriores e a invenção de um mundo comum, heterogêneo, capaz de comportar diferentes formas de vida. Uma nova condição, como a perda ou a recuperação da visão, pode ou não desembocar na criação de novos domínios cognitivos e, por conseguinte, de novas formas de existência. O que o segundo exemplo de Sacks traz de importante é que a recuperação da visão não é um bem em si. Ele concorre, assim, para o questionamento do paradigma visuocêntrico, que tem sido tão naturalizado e que ainda exige questionamentos mais incisivos.

Em resumo, podemos dizer que o conceito de compensação é, a despeito de sua popularidade, uma ferramenta teórica limitada para entender os efeitos sobre o sistema cognitivo da perda de um dos sentidos. A complexidade do problema exige uma abordagem mais ampla, que leve em conta a invenção da cognição e do próprio mundo, como questões indissociáveis. Assim podemos entender o desafio que constitui a perda gradual ou súbita da visão numa sociedade eminentemente

visuocêntrica, que continua privilegiando a visão dentre os diversos modos de perceber e habitar o mundo.

NOTAS DE RODAPÉ

1 Este estudo foi desenvolvido ao longo do projeto "Atenção e Invenção na Produção Coletiva de Imagens", apoiado pelo CNPq. Para este projeto foi realizada em 2005 uma pesquisa de campo na Oficina de Cerâmica da Divisão de Reabilitação do Instituto Benjamin Constant. Este artigo foi desenvolvido com base em trabalho apresentado na XXVII Jornada de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ.

2 A defectologia é um ramo tradicional da pedagogia que estuda as deficiências físicas e mentais.

3 Vygotski, 1997, p. 101

4 Cf. S. Freud, Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise In: Edição Standart Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

5 Lipps apud Vygotski (1997) p. 46

6 Vygotski, 1997, p. 61.

7 Idem

8 Para uma discussão mais aprofundada do conceito de vias colaterais do desenvolvimento em Vygotski e sua relação com o problema da adaptação cf. Sancovschi, 2005.

9 Vygotski, 1997, p. 59.

10 Idem, p. 80.

11 O pintor daltônico. In: um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais, Sacks, 1995, p.24.

12 Idem, p.29

13 Ver e não ver. In: Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais, Sacks, 1995.

14 Kastrup, 1999; 2005.

REFERÊNCIAS

HATWELL, I. *Psychologie cognitive de lac cécité précoce*. Paris: Dunot, 2003.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo*. Campinas: Papyrus, 1999.

KASTRUP, V. Aprendizagem da atenção na cognição inventiva. In: *Psicologia & Sociedade*, 16 (3), 7-16, set./dez., Porto Alegre, 2004.

MATURANA, H; VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Editorial Psi, 1995.

SACKS, O. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANCOVSCHI, B. *Sobre a aprendizagem: ressonâncias entre a abordagem enativa de F. Varela e a psicologia histórico-cultural de L. S. Vygotski*. Tese de mestrado. Programa de pós-graduação em psicologia da UFRJ, 2005.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *A mente incorporada*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKI, L. *Fundamentos de defectología*. Obras Escogidas V. Madri: Visor, 1997.

Paula Rego-Monteiro é bacharel em Psicologia e aluna do Curso de Formação de Psicólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: paulauftrj2@yahoo.com.br

Luciana Pereira Manhães é aluna do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Virgínia Kastrup é doutora em Psicologia e professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: vkastrup@terra.com.br